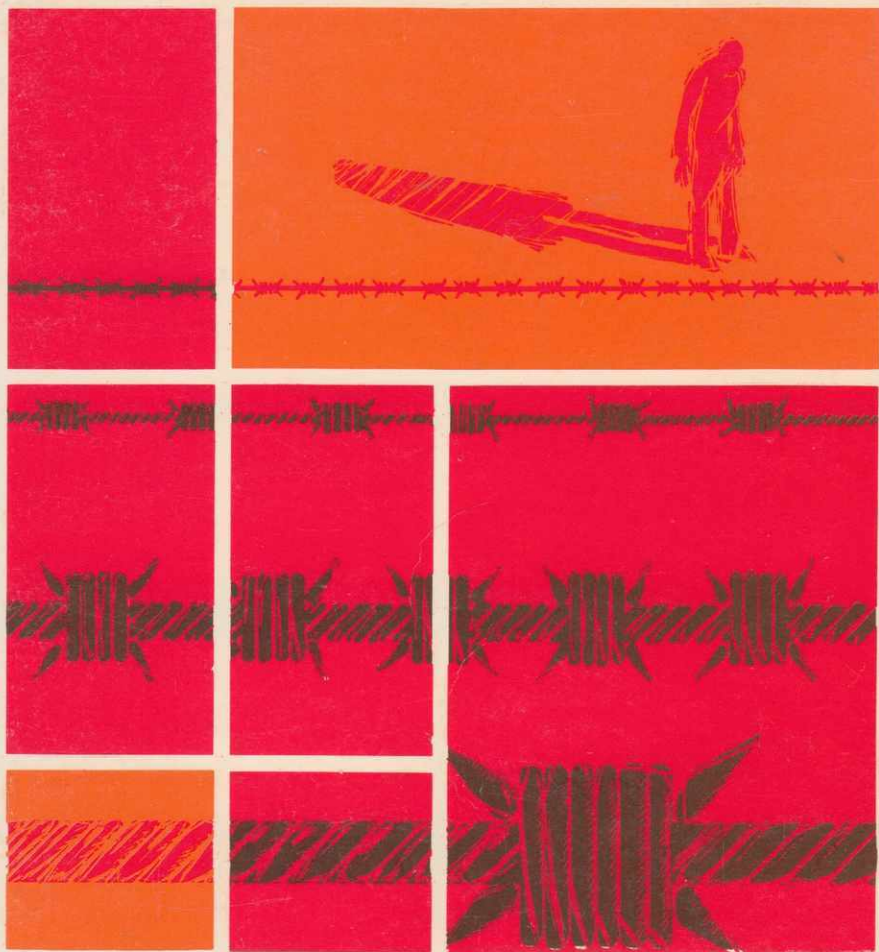


Mário Castelhana

# QUATRO ANOS DE DEPORTAÇÃO



coleção seara nova



## CAPITULO I

### NA PENITENCIÁRIA DE LISBOA

Estávamos em Outubro de 1927. A ditadura militar desenvolvia uma constante perseguição a todos os elementos considerados liberais ou avançados. As prisões abarrotavam. A cadeia nacional havia destinado já para os presos políticos dois dos seus grupos, não só para evitar a mistura com os condenados de delicto comum, como para poder alojar rapidamente as dezenas e dezenas de criaturas que para ali eram atiradas sob o título de conspiradores... O ambiente era pesado. A polícia especial aumentava, dia-a-dia, recrutada, na sua maioria, entre gente da mais baixa condição moral, — o que não causava admiração — citavam-se alcunhas de certos agentes que, conhecedores dos meandros policiais se haviam escapulado com habilidade de situações algo difíceis. Haviam sido aproveitados para a nova corporação... Alguns apresentavam extravagantes traços na fisionomia como que a patentear a sua especialidade em certos meios...

Seriam decerto essas as principais figuras no desempenho da grande comédia...

Eu, que havia escapado à revanche odiosa resultante do movimento de 3 a 8 de Fevereiro, e por pouco não fui deportado em Junho, quando estive preso 17 dias, fui um dia, em 26 de Outubro, mimoseado com a presença de dois agentes, quando pretendia falar a um dos presos que se encontrava no calabouço 4 do Governo Civil. Levado à polícia de informações, ali me conservaram umas duas horas, mais ou menos. Não me interrogaram

e, por volta das 19 horas, enviaram-me num carro para a Penitenciária. Era já noite.

Primeiramente, destinaram-me uma cela no grupo B, por não haver lugar no designado sector político, o que só se conseguiu no dia seguinte.

Fui lá encontrar muitas pessoas conhecidas, contando-se em número elevado os que esperavam a vez de seguir para a África: escritores, operários, jornalistas, advogados, oficiais do exército, sargentos, vítimas alguns de rancores policiais ou de certas personagens com preponderância na situação.

Quem entra na Penitenciária, na situação de preso e por motivos como os que me poderiam ser assacados: esforçar-se pelo advento de uma sociedade mais justa e equitativa, sentindo atrás de si o ranger de fortísimas portas de ferro, que se fecham ante a indiferença do guarda que nos acompanha e que, muito senhor do seu papel, prossegue na sua missão de eterno carcereiro e não tivesse habituado já a sentir a nostalgia da própria incomunicabilidade, certamente se sentirá comovido ante o espectáculo inédito que se lhe apresenta.

Silêncio sepulcral entrecortado de quando em vez pela ordem do chefe ou de qualquer outro agente superior, cuja voz ecoa pelos longos e taciturnos corredores. Avistam-se alguns presos que recolhem mais tarde às suas celas, por desempenharem funções especiais dentro das várias repartições. Limpos, não denotando aquele aspecto triste e sofredor dos restantes reclusos, decerto pela própria natureza do serviço que executam e os entretém e por um pouco de consideração com que são tratados, lá trazem o estigma estampado na ganga que se lhes ajusta ao corpo como vestuário indicador da sua situação especial...

Os outros, o grande número, esses estavam já nas suas celas onde entram às 17 horas para só saírem no dia seguinte às 6 da manhã. Esses, é que são os penitenciários de todos os tempos, de aspecto bisonho, olhar incerto, muitos, corcovados pelos longos anos de martírio ou profundamente minados de remorsos pelo acto praticado, lá marcham para o trabalho, lentos, desfigurados, como máquinas já esgotadas, prestes a entrar na sucata. Há-os rapazes, imberbes ainda, de uma ma-

greza que causa arrepios, cadavéricos, tuberculosos, alguns dos quais vi, mais tarde, em África, enviados para um clima mais temperado, mas já sem cura possível. Esses é que são os condenados mais infelizes!...

Nas oficinas onde se conservam durante o dia executam trabalhos em verga, sapataria, marcenaria, tipografia, etc.

Todos têm a sua história. Os mais decididos contam-nas, com certo arrependimento ou sob o maior cinismo, havendo alguns que sempre se afirmam inocentes. E não os haverá, no meio de tanta e tanta cara onde o sofrimento exteriorizou fundos sulcos de tragédia, de angústia e de desespero?

Quem poderá garantir com absoluta autoridade? Tem havido já tanto exemplo!

Entre tão variada patologia, há os que despertam em nós certa curiosidade pela forma convicta como nos querem convencer da sua inocência ou pela maneira desassombrada como nos descrevem a sua dor, para que deduzamos da fatalidade dos seus casos. Depois, calam-se, como que a sofrer, em silêncio toda a extensão da sua tortura, chegando a chorar disfarçadamente. Já é tarde porém. A sociedade não se comove. A sociedade só os fabricou e condenou. O resto acaba, quase sempre, nos cemitérios africanos.

Um dia, o jornalista Ribeiro de Carvalho, que foi depois deportado para a Madeira, diz-me assim: «Que admiráveis páginas; que soberbo livro não se faria de cada um dos casos; de cada um dos dramas que este edifício encerra nas suas celas.»

E de facto, traçadas por mão de mestre, escritas por cérebro que reunisse as maiores qualidades de psicólogo, de fisiologista e, sobretudo de psiquiatra, conjugadas com uma elevadíssima noção da vida, nos seus múltiplos e variadíssimos aspectos, que anátemas não sairiam dessa pena maravilhosa, não para condenação individual de cada caso, mas para, em conjunto, lhe determinar as causas e suavizar os efeitos...

A cela onde me instalaram definitivamente, tendo por companheiro Manuel Henrique Rijo, que comigo havia sido detido nas mesmas condições, era por vezes o ponto de reunião de muitos outros presos. Ali se discutia

política, problemas sociais; apreciava-se toda a espécie de boatos que circulavam, esperando a toda a hora a revolução salvadora que evitaria as deportações.

Entravam uns, saíam outros, pois o cubículo, de uns quatro metros de comprimento, por dois ou três de largo, poucos comportava.

Duas camas, dois cestos, uma prateleira onde cozinávamos as refeições e uma lâmpada eléctrica que pouco mais iluminaria do que duas velas, era tudo o que embelezava aquele recinto.

De dia, esparecia-se na cerca do edifício, passeando em grupos, ou lendo. À noite, éramos encerrados pelas 23 horas, para às 7 do dia seguinte respirarmos mais um pouco de ar.

Durante a noite, o eco dos gritos das sentinelas que vigiavam atentamente, não evitando no entanto que fugas audaciosas se tenham cometido e o som dos cadenciados passos das que contornavam as celas em profundo silêncio, dava ao ambiente uma nota de tristeza e melancolia que jamais se apagou da nossa memória.

Nesses momentos, tudo nos ocorreu à mente. As lutas pela liberdade que através de todos os tempos têm feito baquear tanto intrépido lutador; as horas aflitíssimas de tanta e tanta família, separada dos seus entes mais queridos, nos mais dolorosos transes de miséria; a lamentável ignorância daqueles pobres soldados que, sem o saberem, emprestavam aos tiranos uma força que eles aproveitavam para os conservar na escravidão, tudo se encadeava na nossa imaginação, para chegarmos sempre ao mesmo resultado: lutar, lutar sempre até que a energia nos faleça. A luta representa a vida, uma vida sadia, natural e justa.

\*  
\* \*

Um dia, ainda estávamos deitados, aparecem-nos no «quatro» os professores dr. Adolfo Lima e César Porto. Ficámos admirados. Eles informaram-nos que haviam sido detidos com Carvalhão Duarte e Manuel da Silva acusados de bolchevistas!

Dois grandes abraços remataram a frase que deixámos escapar e que não os atormentou porque também a esperavam: Lá iremos todos, dissemos-lhes nós.

Felizmente soube mais tarde, em África, que tinham sido soltos, como muito mais tarde ainda, tive conhecimento da consagração, verdadeira apoteose, que o Congresso do Professorado Primário tributou aos professores que fizeram parte da Comissão Executiva da respectiva Federação e que, além da prisão, haviam sido vítimas de toda a espécie de ataques da imprensa reaccionária.

A conversa com aqueles dois amigos incidiu sobre a situação que se atravessava e acontecimentos que, dia-a-dia, se iam desenrolando sendo unânime a opinião de que a ditadura não poderia perdurar.

Todos os dias nos encontrávamos na nossa digressão e divagávamos sobre assuntos palpitantes quer ao longo dos corredores do grupo que nos levava à enfermaria onde estavam outros amigos, quer nas visitas que fazíamos às oficinas onde apreciávamos os trabalhos acabados de fazer.

Sou também procurado por inúmeras pessoas que vêm confirmar a minha estada na Cadeia Nacional, visto terem-lhes contado que eu tinha sido fuzilado, quando do assalto, à redacção do **Jornal A Batalha**, de que era director e da destruição completa de tudo quanto lhe pertencia, assim como aos diferentes organismos operários que tinham a sua residência no mesmo edifício.

Felizmente estava vivo.

No dia 13 de Novembro à tarde, sou informado particularmente da minha deportação para o dia 15, mas oficialmente só na véspera me seria comunicado.

Já a esperava. Dias antes tinham-me levado a perguntas à Polícia de Informações. Coisa banal. Pró-forma. O destino já mo haviam dado há muito tempo. Era uma questão de oportunidade.

Avisei a família, que me preparou as malas e pre-dispuz-me para a partida.